

**CAROS AMIGOS NA IMPRENSA BRASILEIRA ATUAL.** Rodolfo Fiorucci – Orientadora: Tânia Regina de Luca – Sub-área: História – Departamento de História – Universidade Estadual Paulista – FCL/Assis.

Apesar de a história da imprensa contar com literatura abundante, há pouco que o olhar científico preocupa-se com a história **na e por meio** da imprensa<sup>1</sup>. Esta abordagem diferenciada, deveu-se, principalmente, à ascensão da história cultural nas últimas décadas do século XX, movimento este conduzido, em grande medida, pelos *Annales* na França. A partir daí, com o cultural ocupando lugar de destaque na historiografia, observou-se o alargamento no campo de abordagem histórica, no qual objetos antes não considerados pelos historiadores passaram a fazer parte do cardápio historiográfico.

Dentre as novas opções, a preocupação aqui será com a imprensa, cujo papel de destaque na sociedade atual tornou-se patente, especialmente a partir de 1970, com novas técnicas e tecnologias advindas da Terceira Revolução Industrial. Ora, a imprensa não pode ser tomada como o espelho mais fiel do mundo, porém, reflete de alguma maneira os acontecimentos e se expressa na movimentação da história. Ademais, há de se destacar sua influência no percurso político, econômico e cultural da nação, o que, de alguma forma, justifica a atenção do olhar acadêmico em sua direção.

Ao declínio dos métodos avaliativos das ciências sociais, com destaque para o estruturalismo e o marxismo, remontam as duas correntes que permeiam este trabalho: a história cultural<sup>2</sup> e a nova história política<sup>3</sup>. Destas deriva a vertente historiográfica que orienta a pesquisa - a história do tempo presente -, que surgiu da necessidade de confrontar as asserções veiculadas pelos jornalistas que, a partir de meados do século passado passaram a ser os “fazedores” da história, nomeada, por eles próprios, como história imediata<sup>4</sup>. O que diferencia esta daquela é a obrigação científica dos historiadores de profissão, com suas metodologias e técnicas bem estruturadas que coíbem os abusos recorrentes nos escritos dos jornalistas que, por sua vez, não têm qualquer obrigação científica, mas apenas a de veicularem notícias instantâneas.

Vive-se num presente hesitante, conturbado e espetacularizado pelos *media*. Há de se notar, pois, que esta configuração citada não é privilégio de algum país ou região, mas se traduz numa movimentação global, da qual o Brasil não escapa. Pelo contrário, aqui, a imprensa assume, de uma maneira geral, todos os vícios que a literatura que trata do tema denuncia sem cessar. O presente estudo trata, portanto, de vislumbrar quais as conseqüências e até que ponto a mudança que se observa no comportamento da imprensa no Brasil, qual seja, a sobreposição de interesses pessoais, de classe ou partidários em detrimento da função social à qual está (ou estava) comprometida, afeta a sociedade e o jogo político. Contudo, pode-se adiantar que este meio se destaca por possuir considerável força política, interferindo, conseqüentemente, nos interesses econômicos e culturais da nação.

As preocupações se voltam às implicações que a imprensa teve na história do Brasil a partir de 1950, com destaque para a entrada do capital estrangeiro<sup>5</sup> (principalmente norte-americano), que influiu consideravelmente nas práticas jornalistas desde então. As modificações subseqüentes foram vistas com receio por Ramonet<sup>6</sup> que, já há algum tempo, macula o ideal inglês que via a imprensa como o quarto poder e defende a criação do quinto poder, que teria a função de vigiar e controlar os abusos da imprensa. Tais desconfiças de Ramonet não são sem razão, e no Brasil justificam-se

---

<sup>1</sup> Sobre esta diferenciação ver LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>2</sup> Para uma visão mais ampla da história cultural ver CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990 ou RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

<sup>3</sup> No caso da nova história política ver RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>4</sup> RIOUX, Jean-Pierre. A memória coletiva. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Op.cit.*

<sup>5</sup> A entrada do capital norte-americano foi abordada muito bem por SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre a imprensa brasileira*. São Paulo: Summus, 1991.

<sup>6</sup> RAMONET, Ignácio. O quinto poder. *Observatório da Imprensa*. n° 247, 21 out. 2003. disponível em < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/arquivo/inde21102003.htm> > acesso dia 31 ago. 2006.

como alhures sem grande esforço, pois com um *feeling* minimamente apurado, percebe-se os desvios de comportamento que Abramo<sup>7</sup> já demonstrou tão bem.

O fato é que a partir de 1960 o estilo norte-americano conhecido como *new journalism* se encontrava largamente difundido, o que apontava para o total rompimento com o estilo francês que predominou no início do século XX – ainda reflexo do período conhecido como *Belle Époque*. Não obstante, esse *new journalism* mesclava o estilo europeu ao norte-americano, pois trabalhava “com a arte e emoção, apostando na dualidade entre os aspectos objetivos e subjetivos da realidade”<sup>8</sup>, tendo como expressão máxima deste modelo a revista da Editora Abril, *Realidade*. Foi justamente neste momento que no Brasil situou-se a chamada imprensa-empresa, cujo veio de desenvolvimento se guiaria estritamente pelos valores capitalistas.

Deste modo, com a paulatina transição de estilo jornalístico, contextualizado pelo período democrático pré-ditadura (1945-1964) e pela bipolarização do mundo, no qual o Brasil passou a fazer parte do eixo capitalista, não é de estranhar que do peso da influência norte-americana surgiram transformações. Em plena guerra ideológica mundial, o Brasil enquanto democrático apareceu com o presidente João Goulart, que tinha em sua plataforma de governo medidas de cunho socialista - as Reformas de Base -, que aliadas aos assuntos veiculados pela *Realidade* - passeatas de estudantes, a imagem de “Che” Guevara, Martin Luther King, etc.<sup>9</sup> -, causaram frisson nos bastidores das classes políticas e sociais elitistas. Não demoraria muito o Brasil enfrentaria um estágio negro de sua história, a ditadura de 1964, levada a cabo com o golpe dos militares alicerçados pela elite - e como já se sabe, mais do que apoiada pelo Estados Unidos.

O regime autoritário radicalizaria em 1968 quando do lançamento do AI-5, que cerceava a liberdade de imprensa e impunha censores nas redações. Como destacou Mira<sup>10</sup>, *Realidade* era “boa demais para durar”, pois logo seria atingida pelo novo contexto que, a partir de 1968, tornou-a uma revista amorfa. Cedeu lugar, de fato, à *Veja* (setembro de 1968), que já não possuía o tom de *Realidade*. O novo periódico caracterizava-se pelo estilo *newsmagazine*, no qual a reportagem desaparecia e as notícias rápidas pululavam como novo modelo de se fazer revista. Deste modo, quando se tratava de assunto problemático, o método *newsmagazine* propiciava abordagens menos profundas, que não comprometeriam a equipe de *Veja* e, conseqüentemente, não criava indisposições com o governo.

Com a grande imprensa calada, destacou-se no período os periódicos de oposição<sup>11</sup>, chamados “nanicos” - *O Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, *Em Tempo*, *Coojornal*, *Versus*, etc. -, marcados por tiragens irregulares, mas não por isso sendo pouco importantes na luta contra a repressão. A resposta do regime foi brutal, marcada por bombas nas redações, prisão dos editores e apreensões de edições inteiras<sup>12</sup>. Tal truculência só abrandaria com as manifestações de protesto causadas pela morte do jornalista Wladimir Herzog (1975), preso nas dependências do II Exército em São Paulo. A distensão “lenta, gradual e segura”, apareceria, timidamente, com o general Geisel e culminaria na Emenda Constitucional nº 11, em 1978, que facilitaria a campanha *diretas já* encabeçada pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Contudo, só com a nova Constituição de 1988 a liberdade seria totalmente restabelecida.

Os anos 1980, portanto, marcaram a transição da repressão para a liberdade no Brasil e, no mundo, assistiu à queda do Muro de Berlim (1989), o que levou, em 1991, à formação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), determinando o fim do breve século XX, segundo Hobsbawm<sup>13</sup>. O capitalismo havia vencido as batalhas ideológica, cultural, econômica e política

---

<sup>7</sup> ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. O autor pontua cinco diferentes formas de manipulação na grande imprensa, esmiuçando o método pelo qual são levadas a cabo.

<sup>8</sup> VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996, p. 91.

<sup>9</sup> PEREIRA FILHO, José Francisco Bicudo. “*Caros Amigos*” (1997-2001) e o resgate da imprensa alternativa no Brasil – um outro jornalismo é possível. Dissertação de mestrado (ECA-USP), 2002.

<sup>10</sup> MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a fragmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d’Água/Fapesp, 2003, p. 69.

<sup>11</sup> Para uma melhor leitura acerca dos jornalistas que foram contra o regime militar naquele momento, ver KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. 2º ed. rev. ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

<sup>12</sup> MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: UNESP, 2006, p. 111.

<sup>13</sup> Cf. HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

perante a visão mundial, o que iniciou a expansão dos ideais neoliberais globalmente. No Brasil não seria diferente, adotou tão logo e de maneira irrestrita os ideais liberalizantes, com maciço apoio da grande imprensa que enxergava a possibilidade de grandes lucros, haja vista o incessante crescimento da indústria cultural - ramo dominado por essa categoria, seja escrita, audiovisual ou multimídia.

Já a última década do século XX no Brasil presenciou a vulgarização da imprensa e sua perda crescente de credibilidade. Os interesses privados confundiam-se com os públicos, a imprensa apoiava sem questionar a política neoliberal e fomentava seu potencial monopolizador da notícia, amparada pela ditadura do mercado. O que imperou foi a imprensa uníssona e unívoca. Diante deste quadro, surgiu, em abril de 1997, a revista *Caros Amigos*, um projeto que visava ser a voz destoante da imprensa elitista, atacar o neoliberalismo e veicular opiniões voltadas para as questões sociais. A idéia inicial emerge das conversas entre Sérgio de Souza e Roberto Freire, que sonhavam reeditar uma revista como foi *Realidade* e, numa viagem à Cuba, ainda dentro do avião, os dois amigos, somados a João Noro e Chico Vasconcelos, finalizaram toda a proposta<sup>14</sup>.

Inicialmente pensaram em fazer uma publicação estilo tablóide, mas logo desistiram. Optaram por uma revista com padrões visuais e físicos diferentes da maioria. Impressa no papel off set 90 grs, no formato 27x33 (fechada), de periodicidade mensal, de veiculação nacional e com uma tiragem em torno de 25 mil exemplares – atualmente (2006) em torno de 55 mil -, *Caros Amigos* conta com um quadro de colaboradores respeitável, do qual a maioria fez parte da imprensa alternativa das décadas de 1960-1970. Entre eles, no decorrer dos anos, encontram-se nomes como Roberto Freire, Paulo Freire, José Arbex Jr., Luis Fernando Veríssimo, Frei Betto, Emir Sader, Leo Gilson Ribeiro, Mylton Severiano, Claudius, Guto Lacaz, Augusto Boal, Georges Bourdoukan, Marcos Terena, Gilberto Felisberto Vasconcellos, Ferréz, Carlos Castelo Branco, Ana Miranda, entre outros. Também, destaca-se o tipo de abordagem feita nos artigos, que se caracterizam por serem muito mais sociológicos que jornalísticos, o que os colocam na categoria de intelectuais engajados, segundo a aceção de Sirinelli<sup>15</sup>.

De fato, o tom da escrita é bastante forte se comparada à da grande imprensa, que em nome da “imparcialidade” e “objetividade”, oferece apenas um realismo vulgar. Nas palavras de Antonio Cândido “(...) a busca da objetividade informativa é incompatível, enquanto texto, com a grande reportagem. Nesse caso, a objetividade revela-se impotente. (...) É o recurso ao ficcional e à forma literária que permite ao repórter fugir do mimetismo e do empobrecimento da objetividade. (...) Trata-se também de identificar na própria dinâmica do trabalho do repórter a necessidade de ampliar o nível de apreensão da realidade, investigá-la em suas contradições e sua dinâmica”<sup>16</sup>. Ou seja, Cândido propugna o avesso do que ocorre na imprensa atual, que com a aplicação do lide, escamoteia o jornalismo parcial com ares de pragmatismo.

Todavia, *Caros Amigos*, até bem pouco, também não primava pelas grandes reportagens, já que estas não eram o objetivo principal da revista. Apenas nos últimos anos o periódico apresenta, em quase todas as suas edições, pelo menos uma reportagem aprofundada – as últimas, a título de exemplo, são: “Os códigos da Obra” de Marina Amaral (nº 113 - ago. 2006), que realiza um mergulho na estrutura de funcionamento da *Opus Dei*; e “Guerra S.A” de Natália Viana (nº 114 – set. 2006), que denuncia o serviço militar que empresas particulares prestam a governos em guerra, isto é, a mais nova faceta do neoliberalismo, a privatização da guerra. O carro-chefe da revista (assim como o foi no *O Pasquim*) desde seu lançamento são as “entrevista-explosiva”, que normalmente ocupam a capa do mensário com os entrevistados.

Apesar do destaque para as entrevistas, *Caros Amigos* possui outros espaços de destaque, como as seções assinadas: “Janelas Abertas”, na qual Léo Gilson Ribeiro resenha livros em destaque ou clássicos; “Desaviso”, espaço em que Marilene Felinto expele todo seu veneno contra a classe dominante, a grande imprensa e os chamados partidos de direita; “Porca Miséria” de Glauco Mattoso, com suas glosas anedóticas e textos curtos que são “socos no estômago”; “Picadinhas” (ainda recente) de Palmério Dória, lugar de humor da revista, pois apresenta sátiras e piadas sobre os acontecimentos recentes e frases dos políticos, economistas, atores, etc., do mês corrido; “Enfermaria” de Mylton

<sup>14</sup> PEREIRA FILHO, José Francisco Bicudo. “*Caros Amigos*” (1997-2001) e o resgate da imprensa alternativa no Brasil – um outro jornalismo é possível. Dissertação de mestrado (ECA-USP), 2002, p. 87.

<sup>15</sup> SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). *Op. cit.*

<sup>16</sup> Citado por PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Op. cit.*, p. 43.

Severiano, concede espaço aos assuntos do interior do estado de São Paulo, mais especificamente à Marília, além de sempre publicar uma foto intitulada “obscenas”, na qual aparecem imagens pitorescas e absurdas; “Entrelinhas” de Hamilton Octávio de Souza, cuja preocupação volta-se à mídia em geral, não perdoa as gafes dos jornalistas e a objetividade disfarçada nas entrelinhas; “Bulhufas” de Carlos Castelo Branco, daí saem pequenas crônicas, contos, cartas de leitores ou assuntos que o autor julgue interessante. No mesmo espaço apresenta todo mês o “aboboral”, na qual cria “brincadeiras”, como, por exemplo, as da edição de agosto de 2006 que diziam: “Getúlio, Petrobrás; Lula, Bandidobrás” ou “O Brasil foi o país dos contrastes, hoje é um país com trastes”; também tem lugar reservado para a literatura de cordel, assunto de Nicodemus Pessoa; e para finalizar temos as duas colunas de Gilberto Felisberto Vasconcelos, “O caso do milênio” e “Pequeno folhetim do folclore”. Nestes espaços, Vasconcelos trata, respectivamente, de política e de cultura do Brasil.

Mesmo com todo esse repertório, ainda há espaço para seções não assinadas, como “República” (lugar de debate privilegiado para os estudantes brasileiros), o “Ensaio fotográfico” (cada mês com um fotógrafo expondo seu trabalho), além do reservado às opiniões do público, “Caros leitores” (com os comentários principais sobre a *Caros Amigos* anterior). Deste modo, percebe-se certa criatividade por parte dos editores e colaboradores da revista, já que encontraram diferentes formas para tratar, principalmente, das querelas sociais do país. Isto porque, aqui ou acolá, desde o humor até a fotografia, o tema que perpassa todas as linhas da revista são os problemas ligados à sociedade de uma forma ampla, encarados de maneira crítica e às vezes radical.

Delineia-se, portanto, uma primeira fotografia deste periódico, que se coloca como espaço diferenciado na imprensa brasileira atual e que defende idéias opostas das encontradas nos inertes círculos de debates da imprensa. Estas características supracitadas contrapõem *Caros Amigos* à mídia neoliberal que utiliza, em suas narrativas, explicações sobre o mundo que “criam” lógica e coerência onde não existe lógica e coerência alguma, com o fito de provar que a economia funciona mesmo com bilhões vivendo à mingua. Daí os motivos que justificam o mergulho nas páginas deste mensário alternativo, para por à prova o discurso esquerdista que desferem sem hesitar.

## Referências bibliográficas

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. 2º ed. rev. ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: UNESP, 2006.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a fragmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d’Água/Fapesp, 2003, p. 69.

PEREIRA FILHO, José Francisco Bicudo. “*Caros Amigos*” (1997-2001) e o resgate da imprensa alternativa no Brasil – um outro jornalismo é possível. Mestrado (ECA-USP), 2002.

RAMONET, Ignácio. O quinto poder. *Observatório da Imprensa*. nº 247, 21 out. 2003. disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/arquivo/inde21102003.htm>.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1996.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre a imprensa brasileira*. São Paulo: Summus, 1991.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.